

BENEDITA CATRUMANA

*Quatre maim,
catre mane,
catrí mano,
catrumano;*

Observando o costume dos moradores do sertão san-franciscano, o biólogo naturalista Saint-Hilaire achou curiosa a locomoção, mesmo de pequenas distâncias, ser feita sempre a cavalo. Sugerindo uma fusão entre as patas dos cavalos e as mãos de seus condutores, queria denominá-los de quatro mãos. Guimarães Rosa, retomando o termo em sua obra, atribui valor depreciativo, dando ao interlocutor caráter de inferioridade intelectual. Em fins de 2005, intelectuais Nortes [sic] Mineiros propõem revisitar o termo junto a pesquisas históricas, num intuito de reverter o tom pejorativo que a expressão sugere.⁵⁶⁴

⁵⁶⁴ ALVES, Leonardo Silva. *Da Cia Acômica ao Exercício nº 1 sobre Catrumano: a sistematização de procedimentos metodológicos para a construção de um espetáculo teatral no Norte Mineiro*. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011, p. 9.

O povo catrumano, o povo do gerais. Para muitos pode significar em poucas palavras “gente da roça”, pode até ser. Mas o significado vai muito mais além, Catrumano se remete aos nossos costumes, vivências, rituais, o lifestyle do sertão. Representa a musicalidade de Beto Guedes, a genialidade de Eltomar Santoro, a poesia de Aroldo Pereira, as palavras de Guimarães Rosa, a visão de Darcy Ribeiro e tantos outros que mostraram, mostram e ainda mostrarão a simplicidade e a felicidade de ter nascido com as raízes firmes no solo seco e empoeirado do sertão norte mineiro.

Avante povo do sertão! avante!

Por essa terra que a gente tanto odeia e tanto ama.

*Início agora uma Revolução sonora catrumana!*⁵⁶⁵

Segundo alguns estudos publicados a partir de 2005, o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire teria afirmado no *Quadro Geral do Sertão*, capítulo de sua *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*, que, pelo costume de andar a cavalo, os habitantes da região se assemelhavam a homens de quatro mãos, ou melhor, de quatro patas, nascendo daí a palavra catrumano. No entanto, compulsando a obra em questão constata-se que Saint-Hilaire não fez tal caracterização, limitando-se a afirmar que “sertanejo” é o “nome que se dá aos habitantes do Sertão”. Outro francês, Alcide D’Orbigny, que esteve em Porto do

⁵⁶⁵ FERREIRA, Tárik. *Introsertão*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OF9lrcQIII0>. Acesso em: 15 nov. 2022.

Salgado, Contendas e Formigas em 1828 também fez referências aos “sertanejos de Minas Gerais”, mas não aos catrumanos.⁵⁶⁶

Dos viajantes estrangeiros que percorreram a região no século XIX, apenas Sir Burton fez menção aos “quatro-mãos” de Januária, em 1867. Nas palavras do britânico, “a cidade é mantida pela corretagem e pelo comércio. Os ‘quatro-mãos’ dos arredores trazem-lhe muito pouco algodão, uma certa quantidade de rapaduras e cachaça, excelente fumo e gêneros alimentícios, especialmente arroz e mandioca, plantados nos tabuleiros que ficam além do vale do rio”. Burton advertiu que “quatro-mãos” significa “quadrumano”, mas os moradores da região faziam uso do termo “como sinônimo de caipira”.⁵⁶⁷

⁵⁶⁶ SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Tradução de Vivaldi Moreira. 2 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000, p. 309; SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938, t. 2, p. 251; SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Voyage dans les provinces do Rio de Janeiro et de Minas Geraes*. Paris: Grimbert et Dorez, 1830, 2 t.; ORBIGNY, Alcide d'. *Viagem pitoresca através do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976, p. 109-133.

⁵⁶⁷ Burton soube da existência de uma pedra de “verdadeiro granito branco e preto da Baía do Rio” em Januária, e “um velho ‘quatro-mãos’ afirmou que os Gerais tinham morros inteiros de tal rocha, mas ninguém acreditou nele”. BURTON, Richard. *Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1977, p. 205-216. “Os ‘Quatro mãos’ do interior trazem-lhe pouco algodão, certa quantidade de açúcar e cachaça, excelente fumo e gêneros alimentícios, especialmente arroz e mandioca, plantados nos tabuleiros que ficam além do vale do rio”. Em nota do autor, “Quatro mãos” significa “Quadrumano. A palavra é usada na região como sinônimo de caipira”. BURTON, Richard Francis. *Viagens aos planaltos do Brasil*. Tradução de Américo Jacobina Lacombe. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: INL/Fundação Pró-Memória, 1983 (Brasiliense, v. 376), v. III, p. 68-69 e 78; SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich von. *Viagem pelo Brasil (1817-1826)*. Brasília: Senado Federal, 2017, v. 2, p. 99-196; POHL, Johann Emanuel. *Viagem no interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da

O escritor januarense Manoel Ambrósio Alves de Oliveira, em obra ainda inédita, concluída em 1897, esclareceu que o vocábulo *quadrumano* no “neologismo do calão sertanejo” deu origem a *catromano*, *catarumano* e *quatromano*.⁵⁶⁸ Para Afonso de E. Taunay *catrumano* “talvez seja corruptela de quadrumano”.⁵⁶⁹ Na zoologia do século XIX, os quadrúmanos – primatas não-humanos, na nomenclatura da época – englobavam o chimpanzé, orangotango, gorila, babuíno, macaco verde, macaco-prego, mico-leão-dourado, sagui, etc.⁵⁷⁰ A verdadeira etimologia do vocábulo *catrumano* explica as injúrias raciais de *macaco*, *macaqueiro* e *quatromano* que os barranqueiros das cidades de São Francisco e Januária dirigiam aos moradores das caatingas em meados do século passado. Em *Chico – o rio macho*, reportagem publicada na revista *O Cruzeiro* em 3 de abril de 1954, distingue-se o caatingueiro e o ribeirinho. “É bom que se estabeleça, desde logo, um paralelo definitivo entre os que vivem na barranca do rio São Francisco e os que habitam regiões mais afastadas do leito. Via de regra, esse paralelo se mede pelo meio de transporte usado por uns e outros. O barranqueiro usa canoa.

Universidade de São Paulo, 1976; GARDNER, George. *Viagens no Brasil principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*. Tradução Albertino Pinheiro. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942 (Brasiliana, v. 223); WELLS, James W. *Explorando e viajando três mil milhas através do Brasil – do Rio de Janeiro ao Maranhão*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1995, 2v.

⁵⁶⁸ OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. *Neologismos do calão sertanejo e outros vocábulos* In: OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. *Novos Cantos populares do rio de São Francisco*. Januária, Minas Gerais, [1897], manuscrito.

⁵⁶⁹ TAUNAY, Afonso de E. *Léxico de lacunas: subsídios para os dicionários da língua portuguesa*. Tours: Imprimerie E. Arrault, 1914, p. 60.

⁵⁷⁰ Musée Scolaire Émile Deyrolle, 1887 *apud* CAMESKI, Andrezza Silva. *A história da disciplina de História Natural em São Paulo (1890-1930)*. Tese (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020, p. 182-184; LAMARK, Jean Baptiste de Monet Caballero de. *Filosofia Zoológica*. Barcelona: Alta Fulla, 1986.

O caatingueiro (habitante da caatinga, que tem ainda os nomes pejorativos de macaqueiro ou quatromano) monta o jegue (jumento) ou coisíssima nenhuma. (...) O barranqueiro é comunicativo e alegre, enquanto o caatingueiro é desconfiado e arredo”. Em outra reportagem, intitulada *Casamentos na Serra das Araras*, divulgada na mesma revista em 4 de dezembro de 1954, o leitor é informado que “quatromano” é a “designação pejorativa dada pelo barranqueiro do São Francisco ao habitante da caatinga”.⁵⁷¹ Em ensaio publicado em 2012, no qual se enaltece o Movimento Catrumano e o Dia dos Gerais, afirma-se que a palavra catrumano era um modo, “*meio que satírico, de se chamar polidamente uma pessoa de macaco*”.⁵⁷²

Em *Aconteceu na Sexta-feira Santa* – capítulo do livro *No meu rio tem mãe d’água* – Manoel Ambrósio Júnior ressaltou o preconceito sofrido pelos *catromanos*. “Eles vinham entrando aos magotes desde a manhã, outros tantos ainda madrugando com o pé na estrada. Chegavam exaustos, cobertos de pó, que a caminhada fora longa e cansativa. Eram penitentes do Brejo, dos Pandeiros, do Cantinho, Saco dos Bois, até do Jacaré que chegavam a Januária, ávidos por assistirem aos atos da Paixão, que naquele ano se anunciavam sensacionais. Constrangidos, complexados, todos eles se deixam trair nos gestos, no andar, até em olhar as pessoas. Irreverentes, impiedosos, os da cidade só se referem aos pobres interioranos com aquele pejorativo horrível — *catromanos* — um estigma que feria suas mentes de homens simples mais do que farpas de tourada. Os rapazes, de roupas domingueiras, uns tantos de óculos escuros e botas, cabelos besuntados de brilhantina; as moças com aquela

⁵⁷¹ SILVA, Álvares; SILVA, Eugênio H. Chico – o rio macho. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 3 de abril de 1954, Ano XXVI, n. 25, p. 24; SILVA, Eugênio H. Casamentos na Serra das Araras. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 4 de dezembro de 1954. Ano XXVII, n. 8, p. 76.

⁵⁷² LASMAR, Jorge. Sertão – Gerais – O Movimento Catrumano – A formação de Minas Gerais – Matias Cardoso. In: LASMAR, Jorge. *Fragments*. Belo Horizonte: Editora Del Rey, 2012, p. 90-91 (grifos meus).

saúde toda, balouçantes, provocando todo mundo com vestidos curtíssimos e grossas coxas aparecendo. Lá vêm eles pelo meio da rua, rindo e conversando ruidosamente, como se a disfarçar os íntimos receios de fazerem figura negativa aos olhos dos cidadãos. Mas os moleques — quem podia com aqueles capetinhas? — Ao vê-los passando em fila indiana ou a dois, de braço dado, berravam o apelido que penetrava fundo em suas almas:

— Um... dois... três... ca-tromanos!

E davam no pé, sem esperarem pela reação”.⁵⁷³

Historicamente, o registro mais antigo do termo foi encontrado no *Correio Mercantil* de 1º de março de 1863, quando Manoel Caetano de Souza e Silva, morador de Januária, publicou uma carta rebatendo acusações e intrigas políticas da cidade. Nela, Souza e Silva mencionou a existência de certo *Catrumano Velho*, liderança local vinculada ao partido liberal, que na ocasião estava em conflito com a “oligarquia de Montes Claros”.⁵⁷⁴

Na literatura, o termo foi empregado pela primeira vez em *Hercília*, folhetim de Manoel Ambrósio publicado no jornal *A Luz* em 1903. No romance, Zé Catrumano “negro trombudo, de cara horripilante” era capanga do capitão Henrique de Oliveira Leal. A trama se passou na Fazenda Boa Vista, no vale do rio Pandeiros em 1866, com o assassinato de Hercília e Ângelo, bárbaro crime cometido pelo capitão e seus capangas Zé Catrumano e Chico Cabo Duro.⁵⁷⁵

No *Léxico* de Taunay, o vocábulo *catrumano* teve sua origem na região de Paracatu, significando “caipira, rústico, tabaréu”. Saul Martins o define como “caipira e roceiro” e Manuel Ambrósio Júnior afirmou ser

⁵⁷³ OLIVEIRA JÚNIOR, Manoel Ambrósio Alves de. *No meu rio tem mãe d'água: folclore do vale são franciscano*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1987, p. 94-97.

⁵⁷⁴ [Carta de Manoel Caetano de Souza e Silva], *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 1º de março de 1863, p. 2.

⁵⁷⁵ OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. *Hercília*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1923, p. 59-89.

“o mesmo que jeca”. O catrumano é “o sertanejo pobre e rústico”, anotou Joaquim Ribeiro. No *Dicionário da terra e da gente do Brasil*, de Bernardo José de Souza, catrumano “era um regionalismo norte mineiro, sobretudo na zona do Paracatu, designativo de caipira, matuto, tabaréu”.⁵⁷⁶ O jornalista baiano Carlos Chiacchio, em artigo de 1928, informou que “para o centro do país, nas zonas franciscanas, há o termo ‘catrumano’, que o folclore acusa em versos estropiados, como estes, da riquíssima coleção de Manoel Ambrósio, ainda inédita:

*Chegou Benedicta ‘catrumana’
Fais café, sacode a cama,
Cond’eu passá, ocê me chama.*

Ou, então, nestes, em que o tipo ressalta, nítido, das chufas ribeirinhas:

*A baiêta do negro é o fogo,
A doença do pinto é o gôgo,
A gravata do boi é a canga,
E o relógio do ‘catrumano’ é a capanga”.⁵⁷⁷*

⁵⁷⁶ TAUNAY, Afonso de E. *Léxico de lacunas: subsídios para os dicionários da língua portuguesa*. Tours: Imprimerie E. Arrault, 1914, p. 60; MARTINS, Saul. *Os barranqueiros* [1948]. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 1969, p. 13-15, 234; OLIVEIRA JÚNIOR, Manoel Ambrósio Alves de. *No meu rio tem mãe d’água: folclore do vale são franciscano*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1987, p. 94-97; RIBEIRO, Joaquim. *Folclore de Januária*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1970, p. 30-34; SOUZA, Bernardino José de. *Dicionário da terra e da gente do Brasil*. 4 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939 (Brasiliana, v. 164), p. 123-124; MARTINS, Saul. *Artes e Ofícios caseiros*. Separata da Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, v. CLXIV, 1959, p. 184.

⁵⁷⁷ SOUZA, Bernardino José de. *Dicionário da terra e da gente do Brasil*. 4 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939 (Brasiliana, v. 164), p. 123-124.

Para Saul Martins, *catrumano* era o “homem rude e analfabeto do sertão de Minas, morador à beira do São Francisco, ou na região que se estende maravilhosamente do Urucuia aos Gerais de São Felipe”.⁵⁷⁸ Em *Artes e Ofícios Caseiros*, de 1959, Martins delimitou espacialmente “a extensa gleba mineira que se abre ao longo do São Francisco, notadamente à esquerda, desde o Urucuia ao Carinhonha” como o habitat do “catrumano-barranqueiro”.⁵⁷⁹

Apesar da rusticidade, o catrumano “surpreende muitas vezes os portadores de títulos e anéis de grau. É bronco e subnutrido. Impaludado, franzino e tímido. Bebe sua cachacinha, fuma e toma torrado. Mas, apesar disso, é inteligente e perspicaz. Tem desenvolvida a noção do certo e do errado. Sabe criticar os erros e defeitos dos letrados, principalmente os ‘cochilos’ dos homens do governo. Atrás da simplicidade de suas atitudes e de seus trajos, há muita ciência e filosofia”. No diálogo entre Pedro Cumbuca e Antão Procope – personagens do livro *Os barranqueiros* – o catrumano é “feio”, “tem lumbriga” e vive “tremeno de malêta”.⁵⁸⁰

⁵⁷⁸ MARTINS, Saul. *Os barranqueiros* [1948]. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 1969, p. 13-15, 234. “Essa serra dos Gerais de São Felipe é excepcionalmente rica e abastece o rio de toucinho, fumo e farinha de milho. Seus pontos mais notáveis são o Pico do Urubu, que, do ponto em que nos achávamos, parecia uma pirâmide regular; a Serra das Figuras, o morro da Boa Vista, em forma de mesa, e três cabeços arredondados, conhecidos como Os Três Irmãos”. BURTON, Richard Francis. *Viagens aos planaltos do Brasil*. Tradução de Américo Jacobina Lacombe. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: INL/Fundação Pró-Memória, 1983 (Brasiliense, v. 376), v. III, p. 68.

⁵⁷⁹ MARTINS, Saul. *Artes e Ofícios caseiros*. Separata da Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, v. CLXIV, 1959, p. 155.

⁵⁸⁰ MARTINS, Saul. *Os barranqueiros* [1948]. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 1969, p. 13-15, 234; MARTINS, Saul. As diversões: um capítulo do folclore norte-mineiro do Vale do rio São Francisco. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, Ano XXVII, v. CLXII, 1959, p. 298-334.

A pesquisa de Joaquim Ribeiro, intitulada *Folclore de Januária*, realizada em 1959 e 1960, traz uma caracterização detalhada do *catrumano*, além de reforçar os preconceitos.⁵⁸¹ Dentre os “tipos sociais” descritos por Ribeiro – *pescador, barranqueiro, roceiro, tropeiro, lavadeira, rendeira, ceramista do Candéal e aguadeiro* – “a feição mais interessante dos habitantes do município [de Januária] é a do *catrumano*, o tabaréu do interior, seja vaqueiro ou lavrador, homem rústico, atrasado, supersticioso, rico de usos e costumes arcaicos, falando um linguajar originalíssimo. Apegado à terra, não gosta de viajar e é o agente mais forte das tradições mais antigas. A primeira impressão que causa é a de um retardado mental, mas logo, vencida a sua desconfiança inicial, se percebe que possui muita agudeza e perspicácia. Conhece o seu mundo rural, a flora, a fauna, a climatologia regional, o próprio céu como seguro observador. Sem os recursos da civilização, resolve todos os seus problemas com admirável tino. Os *catrumanos* de Januária representam, na verdade, algo da argúcia, da inteligência e da energia dos primeiros povoadores que conquistaram essa enorme área de nosso sertão”.⁵⁸²

⁵⁸¹ Planejada e executada por Joaquim Ribeiro em 1959 e 1960, a pesquisa sobre o folclore de Januária foi sugerida por Clovis Salgado, então ministro de Educação e Cultura. Acompanhado de equipe técnica (cineasta Ademar Chaves e técnico de gravação musical da Rádio do Ministério da Educação, o Sr. Manuel Cardoso) e com a colaboração de professores e alunos da Escola Normal Olegário Maciel e dos membros da *Sociedade dos Amigos do São Francisco*, Ribeiro coordenou o trabalho de campo em Januária (zona rural), Brejo do Amparo, Tejuco, Pandeiros, Cônego Marinho, Candéal e Pedras de Maria da Cruz. No acervo do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, no Rio de Janeiro, estão guardadas centenas de fotografias, dezenas de horas de registros fonográficos e filmagens retratando os mais diversos aspectos do cotidiano daquela região, dentre os quais o modo de vida dos *catrumanos*. A pesquisa coordenada por Ribeiro resultou em vasto e riquíssimo material, que permanece completamente desconhecido dos estudiosos.

⁵⁸² RIBEIRO, Joaquim. *Folclore de Januária*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1970, p. 30-34.

Ribeiro descreveu a vida material dos habitantes do município a partir da distinção entre *barranqueiros* e *catrumanos*. “A habitação típica do interior januarense, a habitação do *catrumano*, isto é, do sertanejo pobre e rústico, consiste em casa de barro coberta de palma de *buriti*. Os caibros são, de regra, de *pau pereira*, haste resistente. Dispõem essas casas de poucos compartimentos. A cozinha, em geral, é num *puxado* do lado de trás. Não possui decoração externa. Prepondera a linha horizontal na construção e daí a sua feição acachapada. O chão é de terra batida. Não possui forro. Em algumas delas, costumam colocar fios de barbante com papel em forma de bandeirolas para ‘pegar mosca’. Colocam, nas paredes, imagens de santos da devoção, quase sempre pequenos cartões pintados que adquirem nas festas de igreja. Às vezes, defumam a habitação. *Mobiliário*: É reduzidíssimo. Usam *camas de vara*, *giraus*, *redes* e *esteiras*. Em vez de cadeiras preferem bancos rústicos feitos de troncos mal trabalhados. A mesa, única, é também tosca. A bilha de barro para água não falta. A cabaça é o material doméstico mais comum; usam-na para copo de beber, para guardar coisas miúdas. Não há caso de *catrumano* que não tenha numerosas cabaças, as quais chamam também de *coités*. A gamela, de pau, é vulgaríssima. As panelas são unicamente de barro. Há uma repulsa para o uso de material de alumínio. Um sertaneja chegou a me dizer que ‘estraga o tempero’. Um objeto doméstico indispensável e que fica do lado de fora da casa, no terreiro, é o *pilão de pau*. Com o pilão tratam o arroz, fazem *paçoca* e outras tarefas culinárias. Toda casa do sertão tem sempre um pequeno varal para fazer a carne de sol, que os *catrumanos* muito apreciam. Na frente da habitação costumam fincar um mastro, com a efígie do santo da devoção doméstica: Santo Antonio, São João, etc. Toda casa fica no centro de um terreiro. Em algumas vê-se a *moenda* de mão, primitiva, mas de uso na região. É curioso observar que não há habitação próxima uma da outra; há sempre uma distância razoável, salvo nos povoados. [...] O *catrumano*

só se recolhe à casa para dormir; comem no terreiro e passam o dia fora no campo. A habitação é apenas um refúgio para o sono”.⁵⁸³

Em estudo sobre *Artes e Ofícios caseiros*, Saul Martins ressaltou “toda a força” e “inteligência” dos “catrumanos-barranqueiros” no aproveitamento dos recursos naturais da região. “Fabrica engenhos, rodas d’água, oficinas de desmanchar farinha. Obtém do solo o legume, a erva, bem assim o barro com que faz o vasilhame indispensável ao preparo deles. Nas matas busca as achas para a caçara, o tronco para o munjolo, e o mel e a cera para as necessidades domésticas; com a decoada extraída da cinza dos roçados, saponifica o animal condenado, ou morto na lama, ou mordido de serpentes. Das cascas das árvores extrai o veneno para as tinguíjadas, muitas mezinhas para o gado e, até, para os seus próprios males. Mesmo os charcos aproveita para tingir de preto a roupa, quando surpreende a morte um dos seus. Com essa ou aquela matéria prima fia as linhas de pescar, urde panos e coxinilhos, torce rédeas, laços e cabrestos, tece redes, cestos e caroças”.⁵⁸⁴ Martins detalhou as técnicas e os materiais da rendaria, tinturaria, teceleagem, fiação, cestaria, cordoaria, candearia, olearia, biscuitaria e olaria, principais atividades “artesaniais caseiras” desenvolvidas pelos “catrumanos-barranqueiros” e “catrumanas-barranqueiras”. A cordoaria constituía o principal “ganha-vida” dos catrumanos, que extraíam variados tipos de fibras para o fabrico de cordas com variados estilos, em especial a do buriti. A “renda de bilros, é dos que mais sobressaem na região norte-mineira do rio São Francisco, onde barranqueiras e catrumanas dão exemplo às suas irmãs do norte, centro e sul, os mais belos e notáveis, de sua arte e cultura”.⁵⁸⁵

⁵⁸³ RIBEIRO, Joaquim. *Folclore de Januária*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1970, p. 30-34.

⁵⁸⁴ MARTINS, Saul. *Artes e Ofícios caseiros*. Separata da Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, v. CLXIV, 1959, p. 155-185.

⁵⁸⁵ MARTINS, Saul. *Artes e Ofícios caseiros*. Separata da Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, v. CLXIV, 1959, p. 155-185.

* * *

Civilização catrumana
Revista Catrumana
cinema catrumano
vaqueiro catrumano
cartografia catrumana
literatura catrumana
bar catrumano
arte catrumana
Duo Catrumano
vida catrumana
painel catrumano
sertão catrumano
culinária catrumana
léxico catrumano
história catrumana
Revolução sonora catrumana
catopê catrumano
teatro catrumano
decolonialidade catrumana
festival catrumano
cerveja catrumana
Empório Catrumano
capoeira catrumana
Grupo Catrumano
Oficina de Catrumano
Editora Catrumano
blues catrumano

cultura catrumana
Orquestra Catrumana
território catrumano
viola catrumana
territorialidade catrumana
intelectual catrumano
cordel catrumano
intervenção catrumana
música catrumana
literato catrumano
cachaça catrumana
forró catrumano
rap catrumano
conservador catrumano
Guaraná catrumano
sociedade catrumana
catrumanismo
catrumanidade
Catrumanum
Catrumânia...

Definitivamente, a palavra catrumano está na moda. Ela invadiu as redes sociais, a imprensa, a literatura, a pintura, os festivais de música, o teatro, o cinema, as conversas de botequim, as teses e dissertações universitárias, a cena política... Por todos os cantos, paragens e lugares do norte de Minas, os indivíduos se autodeclaram *catrumanos* sem saber ao certo os verdadeiros significados e a historicidade da palavra.

A constitucionalização do *Dia dos Gerais* e a difusão e apropriação da palavra catrumano na identidade e na cultura da região foram os grandes êxitos do *Movimento Catrumano*. Tal Movimento, como sabemos, foi uma construção institucional, política, unilateral e elitista, voltado ao projeto do separatismo regional. Os idealizadores do Movimento

afirmam ter positivado os significados do vocábulo *catrumano*, eliminando-lhe os sentidos discriminatórios e pejorativos. Daí, resta-nos perquirir: como foi possível *positivar* uma palavra etimologicamente racista? Ao atribuir apenas sentidos edificantes ao termo, os intelectuais vinculados ao Movimento escamotearam a história dos autênticos *catrumanos* e sua trajetória marcada pelo preconceito e segregação, conflitos e desigualdades sociais. A origem da palavra é bem anterior ao *Aurélio* e ao *Grande Sertão: veredas*, obra esta que traz na própria caracterização física dos *catrumanos* o peso do costumeiro racismo do sertão.⁵⁸⁶

* * *

Os genuínos significados e a historicidade da expressão e, além disso, a busca pelos verdadeiros *catrumanos* só é exequível a partir da “redescoberta” das obras folclóricas e literárias dos escritores da região, cuja produção em muito antecede ao *fenômeno* Guimarães Rosa. Ainda no século XIX, João Salomé Queiroga (Serro, 1810-Rio de Janeiro, 1878) publicou *Canhenho de poesias brasileiras* (1870), *Maricota e o padre Chico: romance brasileiro — lenda do rio São Francisco* (1871) e *Arremedos, lendas e cantigas populares* (1873).⁵⁸⁷ A viagem pela região em 1839, percorrendo o rio São Francisco entre a Barra do rio das Velhas e

⁵⁸⁶ Sobre a “insistência com que os personagens negros são figurados através de uma perspectiva depreciativa” em *Grande Sertão: veredas*, conferir AUGUSTO, Ronald. Rastros de racismo nas veredas riobaldianas. *Nau Literária*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, 2022, p. 1-9.

⁵⁸⁷ QUEIROGA, João Salomé. *Arremedos, lendas e cantigas populares*. Rio de Janeiro, [s. n.], 1873; QUEIROGA, João Salomé. *Canhenho de poesias brasileiras*. Rio de Janeiro: [s. n.], 1870; QUEIROGA, João Salomé. *Maricota e o padre Chico: (Lenda do rio São Francisco) romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Perseverança, 1871.

Januária, e no retorno, passando por Contendas, Coração de Jesus e Formigas foi a grande inspiração da “obra literária de espírito popular” de Queiroga. Os contos *Três Amores*, *Legenda do rio São Francisco*, *A lavadeira do Lucas*, *O irmão Lourenço*, *O Menino Diabo*, *História de quatro condenados* e *O barqueiro do rio São Francisco* e o romance *Maricota e o padre Chico* foram ambientados na região ribeirinha em seus sons, cores e formas, seja nas “danças, contos e cantos de São Romão” ou em histórias e lendas antigas contadas à luz de fogueiras no “Porto do Salgado, pequena povoação à beira do rio”. Em verso e prosa, o autor construiu seus personagens a partir dos “tipos regionais” e ao mesmo tempo destacou o imaginário popular, a religiosidade, o cotidiano, os “usos, costumes e moléstias” da região. Não faltam nos contos de Queiroga menção aos malfeitos do diabo e aos seres fantásticos que habitavam as azuladas profundezas do São Francisco.⁵⁸⁸

Artur Lobo (Coração de Jesus, 1869-Belo Horizonte, 1901) “em sua objetividade parnasiana” poetizou “a paisagem mineira, com os ‘buritizais’, o ‘vastíssimo sertão’ e o rio São Francisco”⁵⁸⁹ “aberto ao sol e às pompas tropicais”.⁵⁹⁰ Em sua prosa, Lobo percorreu “as longas travessias de meses pelo sertão, no canto mais inóspito da província” por estradas silenciosas onde raramente se topava com um viajante, que “de ordinário é algum vaqueiro de retiros muito próximos, vestido como um Robinson Crusóé, num pitoresco e original costume de couro, a vara na mão, o laço à garupa, uma arma de fogo a tiracolo”. As barcas e ajoujos do São Francisco, os chapadões e veredas dos Gerais, o Arraial do Paredão nas proximidades do rio do Sono, os “sítios sertanejos” e “rios

⁵⁸⁸ EULÁLIO, Alexandre. João Salomé Queiroga, folclorista. *Revista Brasileira de Folclore*, Rio de Janeiro, Ano III, n. 7, 1963, p. 225-238.

⁵⁸⁹ ARAÚJO, Gilberto. Notas sobre a poesia de Artur Lobo. In: LOBO, Artur. *Seleção: (prosa e verso)*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2012 (Coleção Austregésilo de Athayde, v. 33), p. 481.

⁵⁹⁰ LOBO, Artur. *Seleção: (prosa e verso)*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2012 (Coleção Austregésilo de Athayde, v. 33), p. 521-513.

caudalosos de águas adormecidas”, a “existência nômade dos vaqueanos, batendo campos e malhadas” e as “boiadas densas e rumorosas” em “terras longínquas” compõem o cenário da prosa e poesia do esquecido escritor corjesuense.⁵⁹¹

Nelson Coelho de Sena (Serro, 1876-Belo Horizonte, 1952), autor de *Contos Sertanejos* (1903) e *Páginas tímidas* (1898) narrou histórias passadas “nos campos e chapadões do alto sertão mineiro”, dentre as quais a de Zé Campeiro, vaqueano natural “lá das *Contendas*, pr’a riba de *Montes Claros*”, “campeador sem par de gado sumido”, cuja viola fazia “gemer de saudade e amor os corações todas as noites ao pé da fogueira, no terreiro do retiro”. As romarias pra Bom Jesus da Lapa – a *Meca do rio São Francisco* –, o “bateleiro do sertão” com suas “grandes barcas fluviais” e os primeiros vapores “com o ronco cavernoso de seus pulmões de aço”, as “caravanas numerosas de romeiros e negociantes” saídas das “compridas chapadas do sertão” rumo aos portos do São Francisco, “as feiras e grossas vendas” dos arraiais, as penosas jornadas “de doze a quatorze léguas, de sol a sol” por “extensos e desabitados chapadões” em “magros e esguios cavalos sertanejos” e outros aspectos do cotidiano das populações do norte de Minas Gerais foram abordados nas obras literárias de Sena.⁵⁹²

Manoel Ambrósio Alves de Oliveira (Januária, 1865-Januária, 1947) é autor de vasta obra literária, histórica e folclórica sobre os sertões e o São Francisco, e cujo pseudônimo – *Brasil do Vale* – bem representa a abrangência geográfica e cultural de seus escritos. Além de

⁵⁹¹ LOBO, Artur. *Seleta: (prosa e verso)*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2012 (Coleção Austregésilo de Athayde, v. 33); LOBO, Artur. *Serões e lazeres (verso e prosa)* [1906]. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1923; LOBO, Artur. O Sertão. *Diário de Minas*, Ano III, n. 189, Belo Horizonte, 13 de agosto de 1901, p. 1-2.

⁵⁹² SENA, Nelson de. *Página tímidas (contos e escritos)*. Ouro Preto, Typ. Silva Cabral, 1898; SENA, Nelson de (Pelayo Serrano). *Contos Sertanejos*. Porto: Typographia Universal de Antonio Figueirinhas, 1903.

Brasil Interior (1934), publicou os romances e novelas *Hercília* (1923), *Os Laras* (1938), *A ermida do planalto* (1945) e o poemeto *Paranapetinga* (1938).⁵⁹³ Postumamente foram editados *Antonio Dó: o bandoleiro das barrancas* (1976), *Os Mellos* (2018) e *Pedro brabo e o diabo* (2022), este último coletânea de contos originalmente publicados na revista *A Noite Ilustrada*, do Rio de Janeiro, em 1935 e 1936.⁵⁹⁴ Permanecem inéditos a primeira obra do autor intitulada *Novos Cantos Populares do rio de São Francisco*, concluída em 1897, e o conjunto de poesias guardado no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais.⁵⁹⁵ Dentre as dezenas de personagens de Manoel Ambrósio, destacam-se o Vêio Kelemente Rachadô, famoso pela habilidade de quebrar encantos e caçar lobisono; Vanjú, mulher de “ másculo valor ” e que após o bárbaro assassinato dos filhos, “ aparando à escovinha o cabelo ” e “ trajando-se de homem ”, varou o sertão para vingar-se dos criminosos; o misterioso vaqueiro Ventura, que em instantes viajou 14 léguas – “ ida e volta vint’ oito! ” – ao Arraial do Capão Redondo, onde comprou um garrafão de cachaça para a festança do fazendeiro Antero Argollo; os galanteios e

⁵⁹³ CARDOSO, Aparecido Pereira; GUIMARÃES, Aimeé Lafetá; PROCÓPIO, Jonice dos Reis. O menino da velha Januária: notas biobibliográficas sobre Manoel Ambrósio Alves de Oliveira. In: CARDOSO, Aparecido Pereira; GUIMARÃES, Aimeé Lafetá; PROCÓPIO, Jonice dos Reis; RIBAS, Jorge L. Teixeira (Org.) *Pedro brabo e o diabo: contos de Manoel Ambrósio*. Montes Claros: O Autor, 2022; GUIMARÃES, Aimeé Lafetá. *Era uma vez: regionalismo, estética e narratividade na ficção de Manoel Ambrósio*. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários), Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2016.

⁵⁹⁴ CARDOSO, Aparecido Pereira; GUIMARÃES, Aimeé Lafetá; PROCÓPIO, Jonice dos Reis; RIBAS, Jorge L. Teixeira (Org.) *Pedro brabo e o diabo: contos de Manoel Ambrósio*. Montes Claros: O Autor, 2022.

⁵⁹⁵ Francisco de Vasconcellos conheceu em 1973 “quase duas dezenas de alentados cadernos” contendo “o cerne da obra de Manoel Ambrósio” e que estavam guardados com Dona Nely de Oliveira Montenegro, filha do autor. VASCONCELLOS, Francisco de. *O folclorista Manoel Ambrósio*. Instituto Cultural do Cariri/Prefeitura de Januária (Separata de Itaytera, n. 18), 1974, p. 103.

infortúnios de certo D. Juan “de um e outro lado da esquina”; o feiticeiro Torrado Xéroso; Quincão Cornimboque, que teve o sangue retirado “pra siná o nome no liv’o do capeta” e recebeu de Xéroso “um ovo de jacaré pra chocá debaixo do subaco”; o capitão Henrique de Oliveira Leal e seus capangas Zé Catrumano e Chico Cabo Duro e a jagunçada dos Mellos.⁵⁹⁶

Os contos, *palestras populares*, romances e novelas de Manoel Ambrósio têm como cenário “a carreira do São Francisco” e suas barrancas; os “campos urucuianos” de densas florestas e pesadas tempestades; o rio Pardo e suas “lúgubres ribanceiras de movediças e traiçoeiras areias”; o fértil vale do rio Pandeiros de “águas frescas e sadias” oriundas “de veredões que vêm de longe”; as “famosas vaquejadas dos sertões do Urucuia”; a rica fazenda Buriti do Meio do potentado Henrique José de Mello; as “terras dentro e fora dos Gerais”; o arraial de Paracatu-de-Seis-Dedos; a Vila Risonha de São Romão; “as taperas da fazenda do Mangaí”; “o arraial do Jacaré, ribeirinho povoado do S. Francisco, fronteiro ao grande morro do Itacaramby”; o Brejo do Amparo; o Curato de São Caetano do Japoré; o Capão Redondo; “as escarpadas serras de São João das Missões de Januária”; “os contrafortes das montanhas do Espinhaço”; a Serra da Caveira; os rios Verde Grande e Gorutuba e outras paragens do sertão.⁵⁹⁷

⁵⁹⁶ CARDOSO, Aparecido Pereira; GUIMARÃES, Aimée Lafetá; PROCÓPIO, Jonice dos Reis; RIBAS, Jorge L. Teixeira (Org.) *Pedro brabo e o diabo: contos de Manoel Ambrósio*. Montes Claros: O Autor, 2022; OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. *Os Laras – novela regional*. Januária: Typ. da Luz, 1938; OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. *Os Mellos*. Belém: Folheando, 2018; OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. *Hercília – romance histórico*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1923; OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. *A ermida do planalto – novela regional*. Rio de Janeiro: Editora Monção, 1945.

⁵⁹⁷ OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. *Os Laras – novela regional*. Januária: Typ. da Luz, 1938; OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. *Os Mellos*. Belém: Folheando, 2018; OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. *Hercília – romance histórico*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1923; OLIVEIRA, Manoel Ambrósio

Nas palavras de Márcia Almada, “os temas encontrados na obra de Ambrósio são ligados à paisagem, às relações sociais locais e ao cotidiano dos habitantes. Os personagens são pescadores que buscam riquezas, vaqueiros que se transformam em figuras lendárias, amantes de empresas arriscadas e cheios de coragem e vivências mirabolantes, pessoas que se protegem dos perigos do rio e da mata, corporificados nos monstros e seres imaginários: a serpente do rio São Francisco, o bicho-homem, o caapora, o dourado, entre outros”. O Velho Chico “é o lugar privilegiado das narrativas, paisagem na qual se inscrevem as mais diversas memórias sobre a vida cotidiana. São descrições sobre vestimentas, alimentação, tipos físicos, origens de pessoas, festas, músicas, danças, religiosidade popular. Geralmente as histórias são passadas em ‘outros tempos’. A memória do passado torna-se presente na descrição e comparação entre paisagens, lugares e épocas, mantendo-se viva através da narrativa e da rememoração”.⁵⁹⁸

Ambrósio também se baseou em acontecimentos guardados na memória dos sertanejos, cujos relatos foram passados de geração em geração. Fatos do “tempo do Borba Gata, do Mest’ê de Campo Jenuaro Cardoso, dos imboaba e dos polistra”; Padre Santiago, Pedro Cardoso e Maria da Cruz – os líderes da “Conjuração Brejina” de 1736 –; o Viana, a fundação de São Romão, o Arraial dos Murrin, as minas de Goiasés, Paracatu e Grão Mogol, os diamantes do Tijuco, os roteiros, os caminhos, as caravanas... As chuvas irregulares e as longas estiagens fazem parte do cenário de suas novelas e romances. Em 1754 e 1755 “uma seca nunca vista quase cortara o grande Rio, cujo leito se mostrara todo descoberto, ocupado por bancos e coroas de areia, grandes ilhas de cascalhos faiscantes aos ardores de uma estiagem abrasadora... de fogo. Em toda parte perdiam-se os roçados. Secaram-se as lagoas e as vazantes,

Alves de. *A ermida do planalto – novela regional*. Rio de Janeiro: Editora Monção, 1945.

⁵⁹⁸ ALMADA, Márcia. Estórias fantásticas do rio São Francisco. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, v. 1, 2006, p. 148-155.

outeiros marginais tornaram-se incultos, nada produzindo. O gado, ou antes, as raças de animais, desapareciam em pavorosa mortalidade. Os gêneros alimentícios de primeira necessidade subiram de preço pela escassez. (...) As populações ribeirinhas e centrais gemiam procurando arrimo. Morreu muita gente de miséria e fome. Caravanas transitavam em todos os sentidos em penúria extrema”.⁵⁹⁹ Além da fome, a peste da varíola grassou pelo sertão naqueles fatídicos anos, “arrasando milhares de vidas”; “enterros por toda a parte por insuficientes cemitérios. Cadáveres às carradas”.⁶⁰⁰

Em *Hercília*, as grandes secas do Ceará em 1845 e 1846 “devastara[m] todo o território daquela província, de modo horroroso”. “As estradas pejavam-se de emigrantes peregrinos, que faleciam inanidos de miséria, comendo a carne podre dos animais, mortos também de fome e peste, ou a dos cadáveres de parentes, pais, mães, filhos, amigos e companheiros antes falecidos. O roubo, a traição, o assassinio, a antropofagia, atos de desespero, crueldade e selvageria também se digladiariam nessa tremenda arena da desolação”. No sertão de Minas chegaram caravanas de maltrapilhos peregrinos “banhados de lágrimas e feridos de angústias” a vagar por Januária, São Romão, Brejo dos Angicos e arraiais menores.⁶⁰¹ No conto *Vanjú*, “rebentara pelo sertão uma seca pavorosa”. “Tempos de fome” e de “uma infinidade de retirantes flagelados”, “mendigos” e crianças esqueléticas a pedir esmolas nas feiras, povoados, fazendas e estradas.⁶⁰²

⁵⁹⁹ OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. *Os Laras – novela regional*. Januária: Tip. da Luz, 1938, 56-57.

⁶⁰⁰ OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. *Os Laras – novela regional*. Januária: Tip. da Luz, 1938, 56-57.

⁶⁰¹ OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. *Hercília – romance histórico*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1923, p. 10-13.

⁶⁰² CARDOSO, Aparecido Pereira; GUIMARÃES, Aimée Lafetá; PROCÓPIO, Jonice dos Reis; RIBAS, Jorge L. Teixeira (Org.) *Pedro brabo e o diabo: contos de Manoel Ambrósio*. Montes Claros: O Autor, 2022.

Em *Brasil Interior*, muitas são as lembranças de épocas dramáticas, de extrema pobreza. “O sessenta! Fome e carestia, tempos cruéis! A crise geral assolava as populações das margens do S. Francisco. Gêneros de primeira necessidade, escassos! A morte dizimava os emigrantes e não raro os próprios filhos destas zonas. Nessas ocasiões, a penúria, qual o ladrão que espreita e ataca à mão armada, estende suas misteriosas e negras correrias pelas camadas infelizes do povo; cada qual, temendo e evitando o medonho flagelo, busca refúgio de toda espécie para sustentar a vida, enganando o estômago, desde frutas e raízes silvestres de pequi, tucum e mucunã, até ao extremo da somítica esmola que é a última a chegar, sempre tardiamente, quando o êxodo das vítimas há ultrapassado as raias do infortúnio, amedrontando até a falsa filantropia de uns conversadores de esquinas e tribunas, muitos desses – prestigiadoras aves de rapina da ocasião. Por vezes a solicitude dos governos procede com o critério necessário; mas, lastimosos exemplos de roubos neutralizam o óbolo governamental para tantos desgraçados, servindo apenas para engrossar o bolso de muitos ladrões de casaca e gravata lavada que por aí além afivelam e ostentam à casa inconciliável a máscara negra de uma ignominia sabida. (...) Bem triste! mas, bem verdade! E em quanto essas épocas nos revelam no fundo esses lastimosos quadros, escolhamos entre os vários da fome, em que a poeira do tempo jamais pode [sic] apagar à luz da tradição”.⁶⁰³

A obra de Ambrósio denuncia as mazelas de uma sociedade marcada por profundas desigualdades sociais. Quase toda a população era pobre e vivia sob os mandos e desmandos dos “donos, donários e donatários” do sertão. Dentre os personagens de Ambrósio, pode-se aludir o riquíssimo *cruné* Valério Serpa e sua corte de bajuladores; “um velho de nome Francisco de Paula Pinheiro, um dos principal home de Manga, de infulência, fazendeiro rico, senhor de muitos escravos,

⁶⁰³ OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. *Brasil Interior*. Palestras populares – folk-lore das margens do S. Francisco. Januária, Minas Gerais – 1912. São Paulo: Nelson Benjamin Monção, 1934, p. 111-113.

gadames, teres e haveres, um tataú”; “a terrível e tão gabada megera dona Joaquina” do Urucuia, acompanhada de seus “jagunços embriagados” e o vingativo Capitão Henrique de Oliveira Leal.⁶⁰⁴ As iniquidades de uma justiça venal – notadamente o judiciário do Julgado de São Romão – usurpadora da herança de órfãos e bens de ausentes, e protetora dos ricos em seus crimes; reservando a prisão aos “pés rapados” e ao populacho que não valia “um vintém de mel coado”.⁶⁰⁵ Também é retratado o preconceito racial de uma gente “orgulhosa” na sua “doença da branquidade” a desprezar “negros e mulatos” e tudo que a eles estivesse associado.⁶⁰⁶

Manoel Ambrósio Alves de Oliveira foi, nas sábias do seu biógrafo, o folclorista Francisco de Vasconcellos, “o maior expoente da cultura barranqueira de todos os tempos. Manoel tinha a alma popular

⁶⁰⁴ OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. *Hercília – romance histórico*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1923; OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. *A ermida do planalto – novela regional*. Rio de Janeiro: Editora Monção, 1945; OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. *Brasil Interior*. Palestras populares – folklore das margens do S. Francisco. Januária, Minas Gerais – 1912. São Paulo: Nelson Benjamin Monção, 1934, p. 151-154.

⁶⁰⁵ OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. *Os Laras – novela regional*. Januária: Tip. da Luz, 1938, p. 36-38. “São Romão, povoação célebre pelas lúgubres tradições que conquistou, quando cabeça de comarca, no tempo da Monarquia. Os crimes de toda sorte e a impunidade dos criminosos tornaram-na temida e detestada. Ainda hoje [1892] se ouvem, no interior do Estados de Minas e Bahia, imprecações, como esta: ‘persiga-te a justiça de São Romão’. E quando se deseja obter informações sobre a localidade, a resposta é: ‘São Romão, São Romão, / Ruim pr’a os que lá vivem, / Pior p’ra os que lá vão!’”. PARANAGUÁ, Nogueira. *Do Rio de Janeiro ao Piauí pelo interior do país: impressões de viagem*. Brasília: Senado Federal/Conselho Editorial, 2019, p. 65.

⁶⁰⁶ OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. *Brasil Interior*. Palestras populares – folklore das margens do S. Francisco. Januária, Minas Gerais – 1912. São Paulo: Nelson Benjamin Monção, 1934; CARDOSO, Aparecido Pereira; GUIMARÃES, Aimée Lafeté; PROCÓPIO, Jonice dos Reis; RIBAS, Jorge L. Teixeira (Org.) *Pedro brabo e o diabo: contos de Manoel Ambrósio*. Montes Claros: O Autor, 2022.

dentro de si. Não era o intelectual encastelado na sua sabença e sim o homem simples e acessível, amante do contato com o povo, observador atento, espírito de elevada sagacidade”. “O ineditismo foi, aliás, um fato marcante em sua vida de escritor” e, sua obra, “é madeira de lei que não cede à voragem das pragas temporais”.⁶⁰⁷ Ainda segundo Vasconcellos, “o que merece ser ressaltado, é que Manoel Ambrósio, mesmo nas suas longínquas barrancas, deu alguns passos a mais que seus contemporâneos, porque teve a preocupação de grafar as palavras segundo a pronúncia popular da região, porque jamais adulterou o vocabulário natural de seu meio de origem (...)”.

O jornalista januarense Jonas Lima, em 1942, destacou a relevância de Manoel Ambrósio, “velho lidador da pena que tanto lustre tem dado às letras, assim na poética como na história, dois vastos campos onde o seu privilegiado estro e gênio de pesquisador infatigável tem lapidado as mais primorosas joias”.⁶⁰⁸ Para Sílvio Romero, Ambrósio foi o autor do primeiro estudo sobre o folclore das populações do planalto central. Em carta de 19 de maio de 1904, Romero ressaltou a elevada inteligência, mérito e saber do “velho amigo” januarense.⁶⁰⁹

Que Brasil nos revela os escritos de Manoel Ambrósio? No prefácio aos *Novos cantos populares*, o januarense estabeleceu o cerne de sua produção nas “populações do interior” “com seus primitivos e

⁶⁰⁷ VASCONCELLOS, Francisco de. *O folclorista Manoel Ambrósio*. Instituto Cultural do Cariri/Prefeitura de Januária (Separata de Itaytera, n. 18), 1974, p. 104 e 120; VASCONCELLOS *apud* OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. *Antonio Dó: o bandoleiro das barrancas*. Petrópolis: Imprensa Vespertino/Francisco de Vasconcellos, 1976, p. 5-6.

⁶⁰⁸ LIMA, Jonas. [Prefácio]. In: OLIVEIRA JÚNIOR, Manoel Ambrósio Alves de. *A marcha para o Oeste*. Januária: Tip. da Luz, 1942.

⁶⁰⁹ Carta de Sílvio Romero a Manoel Ambrósio Alves de Oliveira. Campanha, 19 de maio de 1904. In: OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. *Novos cantos populares do rio de São Francisco*. Januária, Minas Gerais, [1897], manuscrito. O escritor e político Carlos Lacerda (1914-1977) dedicou o livro *Desafio e promessa. O rio São Francisco* “à memória de Manoel Ambrósio”.

coloniais costumes”.⁶¹⁰ Tratava-se de uma gente escondida “na profundidade das nossas selvas sertanejas”, submetida “ao abandono de mais de dois séculos” e desconhecida pelo Brasil “civilizado”.⁶¹¹ Na novela regional *A ermida do planalto*, Ambrósio evidenciou a importância das memórias e da oralidade do povo na construção de suas obras, pois segundo ele “as raízes da tradição oral e da tradição escrita são as mesmas e se entrelaçam, merecendo e exigindo o maior respeito de quem penetra o passado”.⁶¹²

A obra de Manoel Ambrósio traz um sertão resgatado das profundezas do tempo com “suas mais antigas tradições”; um sertão que remonta ao século XVIII e ainda muito presente no tempo de vida do autor. Note-se que quase toda a produção ambrosiana foi ambientada no século XIX. O pseudônimo *Brasil do Vale* e os títulos *Brasil Interior* e *Vale das Maravilhas* evocam a profundidade geográfica da obra ambrosiana, ao voltar-se para os longínquos sertões lavados pelo São Francisco e seus afluentes. Era um sertão “imensamente desconhecido” onde se sentia “os esplendores virgens da natureza” e cujas tradições constituíam “um grande tesouro inexplorado”, afirmou Ambrósio em 1909.⁶¹³

⁶¹⁰ Prefácio – Ao Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. S. Antonio da Manga – Januária, 1º de março de 1909. In: OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. *Novos cantos populares do rio de São Francisco*. Januária, Minas Gerais, [1897], manuscrito.

⁶¹¹ Prefácio – Ao Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. S. Antonio da Manga – Januária, 1º de março de 1909. In: OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. *Novos cantos populares do rio de São Francisco*. Januária, Minas Gerais, [1897], manuscrito.

⁶¹² OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. *A ermida do planalto – novela regional*. Rio de Janeiro: Editora Monção, 1945, p. 20.

⁶¹³ Prefácio – Ao Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. S. Antonio da Manga – Januária, 1º de março de 1909. In: OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. *Novos cantos populares do rio de São Francisco*. Januária, Minas Gerais, [1897], manuscrito.

Além dos escritos de Salomé Queiroga, Nelson Coelho de Sena, Artur Lobo e Manoel Ambrósio, há outras obras significativas sobre a região. *Pelo Sertão: histórias e paisagens* (1898), escrito por Affonso Arinos; *Do Rio de Janeiro ao Piauí pelo interior do país* (1905), de Joaquim Nogueira Paranaguá; *Da Diamantina ao rio São Francisco: impressões de viagem* (1906), de Carlos Ottoni; *De Pirapora a Joazeiro pelo rio São Francisco* (1921), por Octávio Carneiro; *Desafio e promessa: o rio São Francisco* (1937), escrito pelo político Carlos Lacerda; *Maria da Cruz* (1950), de José Gonçalves de Sousa; *No meu rio tem mãe d'água* (póstumo, 1987), *Iaiá Quitéria – romance* (1964) e *A Marcha para o Oeste* (1942), de Manoel Ambrósio Júnior; *Folclore de Januária* (1970), de Joaquim Ribeiro; *Maria da Cruz e o Velho Chico* (1982), da professora Augusta Figueiredo; *Os barranqueiros* (escrito em fins da década de 1940 e publicado em 1969), *Antonio Dó, o jagunço mais famoso do sertão* (1967), *A dança de São Gonçalo* (1954), *Canção da terra* (1955), *As diversões* (1959) e *Artes e Ofícios caseiros* (1959) de Saul Martins constituem outro valioso conjunto de obras sobre a região em seus múltiplos aspectos.⁶¹⁴

⁶¹⁴ OLIVEIRA JÚNIOR, Manoel Ambrósio Alves de. *Iaiá Quitéria – romance*. Brasília: IBGE, 1964; OLIVEIRA JÚNIOR, Manoel Ambrósio Alves de. *No meu rio tem mãe d'água: folclore do vale são franciscano*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1987; OLIVEIRA JÚNIOR, Manoel Ambrósio Alves de. *Marcha para o Oeste*. Januária: Typ. da Luz, 1942; PARANAGUÁ, Joaquim Nogueira. *Do Rio de Janeiro ao Piauí pelo interior do país*. 2 ed. Brasília: Senado Federal, 2019; MARTINS, Saul. *Os barranqueiros*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros/UFGM, 1969; CARNEIRO, Octávio. *De Pirapora a Joazeiro pelo rio São Francisco*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1921; LACERDA, Carlos. *Desafio e promessa: o rio São Francisco* [1937]. Rio de Janeiro: Record, 1964; ARINOS, Affonso. *Pelo Sertão: histórias e paisagens*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1898; RIBEIRO, Joaquim. *Folclore de Januária*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1970; MARTINS, Saul. *Antonio Dó: o jagunço mais famoso do sertão*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1967; MARTINS, Saul. *A dança de São Gonçalo*. Belo Horizonte: Edições Mantiqueira, 1954; MARTINS, Saul. *Canção da terra*. Belo Horizonte: O Autor, 1955; MARTINS, Saul. *Artes e Ofícios caseiros*.

Separata da Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, v. CLXIV, 1959; MARTINS, Saul. *As diversões*. Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, v. CLXII, 1959; SOUSA, José Gonçalves de. *Maria da Cruz*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial (Movimento Editorial Pindorama), 1950; FIGUEIREDO, Augusta. *Maria da Cruz e o Velho Chico*. Rio de Janeiro, 1982.